

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque¹

Resumo

Este trabalho pretende descrever como se dá a presença do migrante nordestino no município de Brusque, uma cidade de colonização alemã no estado de Santa Catarina. O estado da Bahia, localizado na Região Nordeste do Brasil, é conhecido tradicionalmente por uma área de movimentos migratórios. Desde meados do século XX, muitos baianos migraram para outras regiões do Brasil em busca de novas oportunidades de vida, visto que, as migrações são motivadas por fatores como a seca, estagnação econômica e elevados níveis de desemprego. No início do século XXI, os deslocamentos migratórios de baianos seguem para um novo rumo: o sul do Brasil. Neste artigo, pretendemos analisar as características desse fluxo, os espaços da cidade em que vivem e circulam, bem como seus impactos na vida cotidiana na cidade destino. Para percorrer a trajetória dos imigrantes, o trabalho de campo foi realizado em uma escola pública da cidade, na modalidade de EJA (Ensino de Jovens e Adultos). A partir de uma pesquisa etnográfica, que envolve entrevistas e histórias de vida de migrantes, descrevemos seu cotidiano na cidade, analisamos os discursos relacionados ao preconceito e discriminação com o referido fluxo migratório e, os desafios dos imigrantes baianos para o acolhimento em um município que constrói sua identidade em torno dos imigrantes alemães que chegaram à cidade no século XIX.

Palavras-chave: migração; baianos; negro; preconceito; Brusque.

Tafarel Cassaniga

Mestre Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-Ambiental na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Brasil
tafa.cassaniga@hotmail.com
lattes.cnpq.br/4957881896279193
orcid.org/0000-0003-3406-6297

Gláucia de Oliveira Assis

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professora da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Professora voluntária da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Brasil
galssis@gmail.com
lattes.cnpq.br/4753020984250324
orcid.org/0000-0002-0307-6313

Para citar este artigo:

CASSANIGA, Tafarel; ASSIS, Gláucia de Oliveira. “Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0305, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0305>

¹ Este artigo é recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI”, defendida em 2018 na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, por Tafarel Cassaniga, autor deste artigo.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

"Warning for Bahians": stigma and prejudice against new immigrants in Brusque-SC

Abstract

This article aims to understand the presence of northeastern migrants in the municipality of Brusque, a city of Germanic colonization in the state of Santa Catarina. The state of Bahia, located in the Northeast Region of Brazil, is traditionally known as an area of migratory movements. Since the mid-twentieth century, many Bahians have migrated to other regions of Brazil in search of new life opportunities, since migration is motivated by factors such as drought, economic stagnation and high levels of unemployment. At the beginning of the 21st century, the migratory displacements of Bahians, one move towards a new direction: the south of Brazil. In this article, we intend to analyze the characteristics of this flow, the spaces in the city where they live and circulate, as well as their impacts on everyday life in the destination city. To cover the trajectory of immigrants, fieldwork was carried out in a public school in the city, in the EJA (Youth and Adult Teaching) modality. From an ethnographic research, which involves interviews and life stories of migrants, we describe their daily life in the city, we analyze the speeches related to prejudice and discrimination with the referred migratory flow and the challenges for the reception in a city that builds its identity around German immigrants who arrived in the city in the 19th century.

Keywords: migration; baianos; black; prejudice; Brusque.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

Introdução

"Aviso para os baianos" é o título de uma carta que foi publicada em 2013, em Brusque, e panfletada na cidade. Segundo matéria do G1 de Santa Catarina, o documento circula na internet e culpa os migrantes por problemas na cidade, entretanto, a Polícia Civil investiga a origem da carta que apresenta indícios de crime racial². A carta será retomada ao longo do artigo, mas expressa um olhar sobre os imigrantes provenientes do Nordeste que evidencia o estigma e preconceito em relação a sua origem regional e também a sua cor. Esse episódio, infelizmente, não é isolado: logo após o resultado das últimas eleições presidenciais, a internet foi inundada por frases preconceituosas contra nordestinos. Um outro episódio foi em Florianópolis, no qual uma estudante universitária foi agredida verbalmente por um senhor, com termos como: “volta para o Nordeste”, “sua suja”³; semelhantes aos da carta publicada em 2013.

As frases proferidas contra imigrantes baianos e nordestinos em geral, em Brusque, ou em Florianópolis, colocam questões importantes que este artigo pretende investigar. A primeira, neste caso: compreender por que Santa Catarina tem atraído imigrantes nordestinos de maneira cada vez mais significativa nestas duas primeiras décadas do século XXI e, a segunda: analisar como se dão a inserção laboral, os preconceitos e a discriminação enfrentados por imigrantes nordestinos no cotidiano, a partir de um estudo de caso com foco em imigrantes baianos em Brusque-SC. Dessa forma, se articula com a temática proposta por este dossiê ao buscar compreender como o processo de recepção desses imigrantes produz situações de preconceito e discriminação que acentuam as desigualdades entre esses imigrantes e os empurram para áreas segregadas e mais pobres da cidade.

Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado intitulada “Nordestinos em Brusque: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI” e buscou analisar as trajetórias desses migrantes em Brusque e sua inserção na cidade. Os dados foram coletados a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, que procurou acompanhar o cotidiano desses imigrantes a partir da inserção no sistema educacional,

² <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/policia-civil-investiga-carta-que-ameaca-baianos-no-vale-do-itajai.html> Acesso em: 20 mar. 2023.

³ <https://piaui.folha.uol.com.br/cercados-pela-intolerancia/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

pois muitos frequentam o Centro Educacional de Jovens e Adultos, da cidade de Brusque, local onde encontramos os sujeitos da pesquisa que compartilharam suas experiências migratórias. A partir de uma pesquisa etnográfica que envolve entrevistas e histórias de vida de migrantes, busca-se analisar e evidenciar os percursos migratórios e os discursos relacionados ao preconceito e discriminação com o referido fluxo migratório. Dessa forma, a pesquisa se valeu de relatos de migrantes baianos e de moradores locais da cidade de Brusque.

A migração de nordestinos para Santa Catarina é um fenômeno que se intensificou no início do século XXI, uma vez que, segundo os dados do censo do IBGE de 2010, um número de 59.273 pessoas nascidas no Nordeste se encontrava em território catarinense. Desde meados do século XX, o Brasil passa por profundas transformações acerca dos movimentos migratórios internos. A Região Nordeste do país, mais precisamente o estado da Bahia, é uma área conhecida na história por intensos movimentos migratórios. No entanto, o século XXI traz um novo olhar para as migrações internas no Brasil. Nesse caso, uma redistribuição da população para as demais regiões do Brasil, mais precisamente a Região Sul do Brasil, no estado de Santa Catarina.

Motivados pelas oportunidades de emprego que tais cidades oferecem e, também, pela qualidade de vida, alguns migrantes baianos se deslocaram para Brusque, uma cidade localizada no território catarinense, no início deste século. Sobretudo, esses migrantes trazem consigo uma bagagem cultural e marcadores sociais de classe, raça e origem regional que acabam levando a situações que vão desde o estranhamento ao preconceito e discriminação. A população local cultivou uma identidade cultural própria, distinta da cultura dos atuais migrantes, pela qual veio a se estabelecer uma narrativa que associa a presença dos imigrantes europeus ao desenvolvimento local. Assim, tem-se uma narrativa que enaltece os imigrantes do passado (europeus) e invisibiliza a contribuição dos imigrantes recentes para o desenvolvimento da cidade, bem como não desenvolve políticas públicas de acolhimento e inserção social desses imigrantes.

Nesse sentido, as políticas de acolhimento e de inserção laboral e sociocultural dos imigrantes colocam em questão se esses migrantes têm efetivamente direito à cidade. Outro aspecto muito difundido dessa concepção, ensina Baeninger (2018) que,

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

analisando a inserção de haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo, o direito à cidade não significa apenas o acesso a serviços, mas, também o direito à produção de territorialidades urbanas que expressem sua cultura, seus referenciais étnicos e seu modo de vida.

Neste artigo, visando compreender melhor a problemática da inserção dos nordestinos em Brusque e os discursos relacionados ao preconceito e discriminação dirigidos aos baianos, discute-se inicialmente, por meio da literatura, a questão do estigma pejorativo referente ao nordestino. Em um segundo momento, o texto traz a relação de como o município de Brusque se constituiu como o imaginário de uma cidade que constrói sua identidade em torno dos imigrantes alemães que chegaram à cidade no século. E, por fim, a partir de dados do trabalho de campo em Brusque, procura-se analisar o impacto dos movimentos migratórios baianos a partir de narrativas de migrantes e moradores locais.

O “baiano”, o nordestino e o estigma

A decisão de migrar consiste nos fatores que o lugar de destino pode oferecer em termos de qualidade de vida. No entanto, a saída em massa de nordestinos de sua terra natal é evidente na história das migrações internas no Brasil. Bosco e Jordão Netto (1967) apontam que, a partir da década de 1930, os estados de São Paulo e Rio Janeiro, eixos industriais brasileiros, receberam grande quantidade de nordestinos no período. Os migrantes, principalmente da Bahia, fugiram da seca e eram motivados pela busca de uma vida melhor.

Nesta perspectiva, a literatura aponta que o século XX é marcado pelas emigrações nordestinas, principalmente para os grandes centros do Brasil, como mencionado, São Paulo e Rio de Janeiro. Já o século XXI tem como marca uma redistribuição dos fluxos migratórios.

É evidente que essa concepção, ao estudar as migrações pela conjuntura do território, permite compreender que os migrantes impõem territorialidades e transformam o espaço. É nessa conjuntura que as grandes metrópoles brasileiras são

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

conhecidas tradicionalmente como o destino de imigrantes internos e internacionais. No caso de São Paulo, cidade que mais recebeu migrantes internos e internacionais no Brasil, esses migrantes conforme Magalhães, Bógus e Baeninger (2018) vivenciam um processo desigual de produção do espaço e disputa pela cidade, assim, ocupando os chamados anéis periféricos da cidade. Posto isso, desde a metade do século XIX, embora as cidades sejam construídas pelo imaginário de quem migra como o sonho da migração ou como terra de oportunidades, traduzidas na ideia de melhoria de vida, os espaços em que vivem e trabalham muitas vezes produzem segregação e exclusão social. Para o migrante é o novo mundo, uma nova paisagem e um novo lugar, sobretudo, suas marcas culturais são levadas ao novo e, no que lhe toca, o território se depara com o desconhecido e a demanda por políticas de acolhimento e inserção social.

É importante enfatizar que os estudos recentes sobre migração interna apontam uma redistribuição migratória para as cidades médias. Embora, neste caso, São Paulo ainda seja o principal destino migratório (BAENINGER, 2012), observa-se uma redistribuição da migração nordestina para o interior do próprio estado de São Paulo e, também, para o sul do Brasil, como é o caso de cidades do estado de Santa Catarina.

No entanto, ao tratar da presença de migrantes nordestinos em cidades do Sul e Sudeste do Brasil, pode-se lançar a luz sobre os encontros e desencontros entre os estabelecidos e os outsiders de Norbert Elias e J. L. Scotson (2000). Os autores, em sua obra, apontam diferenciais de integração entre grupos em uma área industrial urbana, na Inglaterra, no final dos anos 1950. A pesquisa analisa a relação entre grupos, neste caso com situações econômicas semelhantes, que foi acompanhada de atrito e perturbações devido à chegada de pessoas com ideias, maneiras e crenças diferentes do que até então eram conhecidas em seu círculo. Os autores ainda comentam as tensões peculiares entre os velhos e novos moradores, em que os recém-chegados foram vistos como uma ameaça, não apenas com intenção de perturbação, mas também pelo novo comportamento que levava os velhos residentes a acharem que qualquer contato os rebaixaria a um status de inferioridade.

As histórias das migrações são acompanhadas por desafios, riscos, tragédias e longas distâncias. No caso dos nordestinos rumo ao Sul e Sudeste, as histórias são

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

marcadas por estranhamentos que vão além do difícil trajeto migratório. Dada a especificidade cultural dos nordestinos, a questão econômica regional e a rede migratória constituída, os migrantes foram segregados nas bordas das metrópoles, nas periferias e favelas (Osório *et al.*, 1980; Singer, 1995).

Nesta concepção, Souza (2015) aponta que o Nordeste e o nordestino, como espacialidade e personalidade de um dos mais relevantes fluxos migratórios internos, encarnam uma espécie de “diferença colonial” interna, marcada por uma “racialização” da distribuição do trabalho e da renda. Ainda segundo o autor, existe um estigma referente ao nordestino ao rebaixamento no lugar de inferioridade que, , é marcado também, por seu modo de falar fazendo referência aos sotaques típicos da região Nordeste. Esses migrantes trouxeram e trazem consigo uma bagagem cultural e marcadores sociais de classe, raça e origem regional (do ponto de vista da fala, da etnia e dos costumes) que acabam levando a situações que vão do estranhamento ao preconceito e discriminação por parte de uma região, no caso a Região Sul, que nunca se caracterizou por ter uma cultura totalmente homogênea (resultado da mistura de influências de origem açoriana, alemã, italiana, entre outras), mas que, apesar disso, cultivou uma identidade cultural própria, distinta da cultura dos migrantes nordestinos.

A questão dos estigmas dirigidos aos imigrantes nordestinos pode ser discutida a partir de Goffmann (1988) que, em seus estudos, demonstra que o estigma é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo no sentido inferior apontado a alguém que, ao seu turno, leva a vários tipos de discriminações. Nessa abordagem, o autor ainda aponta o perigo que tal fato representa, pois é visto por uma ideologia que explica sua inferioridade.

Em uma perspectiva histórica, sobretudo a partir do advento da República, os autores Truzzi e Bassanezzi (2013) debatem sobre configuração racial e cultural da nação naquele período. Os autores discutem o domínio branco; neste caso, o elemento português (já que este havia, por quatro séculos, colonizado o país) idealizava uma nação crescentemente branca formada sob uma cultura original de base luso-brasileira. Imaginava-se que os imigrantes brancos europeus aos poucos redimiriam a nação de uma conformação racial desfavorável, embranquecendo-a a partir do momento que

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

fossem se cruzando com o negro e o índio. Assim, a miscigenação ocorreria sob o domínio do elemento branco.

Os referidos estranhamentos no Sul do Brasil evidenciam, entre outros aspectos, a cor do indivíduo, pois o fato de o imigrante ser negro ou pardo é ainda mais estigmatizado em uma sociedade com colonização europeia. Sendo assim, o estranhamento é relacionado com a cor e a origem regional do sujeito. Alia-se a esse fato que Marinelli (2007) entende que o estigma é apontado com uma marca diferenciadora, visível ou não, e que não se apaga facilmente. Assim, o autor ainda ensina que a marca estigmatizante constitui-se numa representação social que leva a um sentimento de rejeição, decorrente de visões preconceituosas e estereotipadas em relação ao sujeito.

E ainda em relação a essa situação, Cassaniga (2018) aponta que o preconceito vem antes mesmo de qualquer estigma. O nordestino, neste caso negro, ainda é visto como um obstáculo nas interações sociais. Em face disso, os autores Batista, Leite, Torres e Camino (2014), em uma pesquisa realizada em 2014 sobre os estereótipos raciais e regionais entre negros e nordestinos, apontam que o processo de categorização utilizado para a atribuição do grupo dos negros mantém-se sujeito a critérios essencialistas que consideram imutáveis determinadas características desse grupo. Os autores indicam que, mesmo que procurem melhores condições sociais para os negros, o processo de construção dos estereótipos decorrente da naturalização desse grupo ainda permanece como obstáculo na luta pela redução da discriminação.

O grande e renomado geógrafo Milton Santos (1987, p. 82), em sua obra "O espaço do cidadão", ensina que:

Pensamos, antes de tudo, que o espaço não é uma estrutura de aceitação, de enquadramento ou coisa que o valha, mas uma estrutura social como as outras. Consideramos também que o valor do homem, assim como o do capital em todas as suas formas, depende de sua localização no espaço [...] indivíduos que disponham de uma soma de capital, formação cultural e capacidade física equivalente, ocupados num mesmo tipo de atividade [...] são, sem embargo, dotados de possibilidades efetivas sensivelmente desiguais conforme os diferentes pontos do espaço em que se localizem.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

Milton Santos deixa claro que, dependendo da sua localização, o espaço define o ser humano enquanto componente dessa sociedade. O espaço que integra o sujeito e o capital estreitou-se de tal maneira que, ao reestabelecer as formas de afirmação, cada vez mais se tornaram indissociáveis (Brito, 2019). No que diz respeito aos migrantes, somam-se os aspectos culturais e econômicos que, em determinadas ocasiões, são particulares de cada espaço.

Compreender as territorialidades migrantes é entender que sua identidade se entrelaça ao espaço. É nessa conjuntura que, em muitos casos, surgem estigmas depreciativos por parte da sociedade de destino. Outro caso relacionado aos discursos pejorativos em relação aos nordestinos vem de acordo com o gentílico do migrante. A autora Borges (2007), em sua pesquisa intitulada "O nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade" evidencia que, assim como na cidade de São Paulo, o nordestino é chamado de "baiano", no Rio de Janeiro ele é chamado generalizadamente de "paraíba", independentemente do estado de sua procedência. A autora complementa que tais termos se referem a um sentido preconceituoso. E, é válido lembrar que a Região Nordeste possui nove estados, ou seja, os termos “baianos” e “paraíbas” acabam sendo sinônimos de todos os nordestinos que vivem fora de seus locais de nascimento.

Em decorrência dessa realidade, inúmeros autores na literatura já se referiam ao sentido preconceituoso que aderiu o termo "baiano" (Borges, 2007). Outra análise que faz referência a mesma situação é de Cardoso (1975) que, em sua obra, traz a referência ao termo que se concentra no Estado de São Paulo:

Muitos dos migrantes brasileiros que habitam São Paulo, sem que se considerem os lugares reais de nascimento, são chamados popularmente de "baianos", isto é, nascidos no Estado "nordestino" da Bahia. "Baiano" é uma expressão que não deixa, em São Paulo, de ter uma carga de preconceito: é o inepto, iletrado, o habitante da cidade que não é "urbano". A indústria de construção civil, onde a mão-de-obra não qualificada avulta, os serviços não especializados, os guardadores de

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

automóveis nas ruas etc. estão repletos de ‘baianos’ (Cardoso, 1975, p. 45).

Segundo Marinelli (2007), em sua obra ‘A saga do migrante nordestino em São Paulo’, as imagens atribuídas às pessoas tornam-se estereótipos. Dessa forma, os autores, acima citados, deixam evidentes que no caso do migrante nordestino, ser chamado de ‘baiano’, o qual não é, causa um sentimento depreciativo e de inferioridade e, com isto, os diferencia dos outros de sua classe.

Cabe retomar a narrativa de Norbet Elias e J. L Scotson que, ao tratarem entre os estabelecidos na cidade e os outsiders, parece interessante para pensar a relação que se construiu entre os moradores do Sul e Sudeste e os nordestinos recém-chegados. A intensa migração do rural nordestino para as grandes metrópoles brasileiras provocou e ainda provoca um grande choque cultural pelo modo de vida da cidade grande. Nessa acepção, a seguir, tem-se um estudo em Brusque, no estado de Santa Catarina. O município de porte médio e de colonização alemã vem apresentando, segundo os dados do IBGE um movimento migratório baiano no início deste século e, por sua vez, a presença desse novo migrante na cidade tem provocado estranhamentos culturais.

Brusque: uma cidade alemã?

O Município de Brusque, localizado no estado de Santa Catarina, pertence à Região do Vale do Itajaí. Considerada a 11ª cidade maior em população do estado, mostra-se relevante seu crescimento populacional nas últimas décadas. Em 1991, por exemplo, segundo os dados do IBGE, Brusque possuía 57.971 habitantes e em 2010 contava com 105.503. No entanto, a prévia dos resultados do censo de 2022 aponta que a cidade possui atualmente 141.676 habitantes. Por meio do exame do processo histórico de sua formação sociocultural, o município de Brusque revela a existência e as características de uma localidade fundada e colonizada por imigrantes europeus, em sua maioria, alemães.

Assis (2013) destaca que o Brasil recebeu, até 1880, em torno de 455 mil imigrantes europeus que se dirigiram para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses imigrantes

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

eram principalmente trabalhadores rurais que vieram da Alemanha e do norte da Itália. Os imigrantes europeus, naquele período, foram atraídos por políticas de colonização para trabalhar em colônias agrícolas no sul do país e, mais tarde, se dirigiram para a região cafeeira e cidades como São Paulo.

A Colônia Itajahy, atualmente município de Brusque, foi fundada em 1860 em decorrência de uma política pública de imigração promovida pelo governo imperial do Brasil. De acordo com Maffezzoli (2012), a política fazia parte de uma tentativa de modernizar o país e repercutiu em todo o território nacional, inclusive na formação de colônias do Vale do Itajaí, na então Província de Santa Catarina.

Contribuindo com essa análise, Seyferth (1981) ensina que a história de colonização e povoamento de Brusque teve início em 1860 com um grupo de imigrantes alemães, num projeto de colonização levado a cabo pelo governo provincial de Santa Catarina. O objetivo era estabelecer uma colônia agrícola de pequenos proprietários. Ainda segundo autora, durante os quinze primeiros anos entraram na região apenas colonos teutos, procedentes dos estados de Baden, Schleswigcas, Holstein, Prússia, Baviera, Oldenburg e Hesse. Só a partir de 1875 foram registradas a chegada de imigrantes vindos de outros países europeus, como Itália, Áustria, França, Polônia, porém sem que diminuísse o fluxo de alemães.

A colonização⁴ do sul do Brasil foi marcada por trabalhadores livres europeus (alemães, italianos, açorianos, poloneses entre outros). Assim, ela demarcou o território e culminou com o surgimento de uma sociedade culturalmente diferente das outras regiões brasileiras. Uma sociedade que desconsiderava a presença indígena, a migração interna e os moradores isolados da região.

Os imigrantes eram provenientes de várias regiões germânicas que, por sua vez, veio a se tornar Alemanha em 1870. No entanto, no período da imigração para o Brasil (em 1860) se tornaram alemães e que, toda a construção identitária é realizada a partir de

⁴ Segundo Seyferth (2002), a colonização não seguiu, exclusivamente, o princípio civilizatório que exigia imigrantes brancos europeus; tampouco significou uma recusa ao modelo escravista de exploração agrícola. Surgiu de uma lógica geopolítica de povoamento, articulada à ocupação de terras públicas consideradas “vazias” e sem qualquer consideração pela população nativa, classificada como nômade e incivilizada.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

uma Alemanha imaginada pelos colonos. Por conseguinte, tal imaginário construído no Brasil, no contexto da migração, é o que os torna alemães.

Seyferth (1981) apresenta que a composição étnica da área está vinculada às fases do desenvolvimento econômico de Brusque. Na primeira fase, correspondente ao período de colonização, tem-se uma colônia de pequenos agricultores de origem alemã e posteriormente italiana. Essa fase marca o período em que entrou na região o maior número de imigrantes europeus (segunda metade do século XIX). Ainda segundo a autora, o início do século marca o começo da industrialização em Brusque. É que nela, em médio prazo, parte dos agricultores passou a constituir mão de obra nas fábricas de tecidos. Vale ressaltar que as fábricas colocaram em contato mais estreito os descendentes de colonos das mais diversas origens. Os imigrantes alemães que chegaram após a Primeira Guerra Mundial entraram na área com um propósito de ocupar cargos técnicos nas indústrias.

Já a segunda fase do desenvolvimento econômico de Brusque, Seyferth (1981) aponta que foi caracterizada pela implantação das indústrias têxteis e pela entrada esporádica de imigrantes. A autora destaca que a presença alemã era tão forte que mesmo alguns descendentes de italianos estabelecidos nesses distritos falavam a língua alemã. A terceira fase de desenvolvimento econômico em Brusque, por fim, é compreendida pela autora como o período entre meados da década de 1930 até 1950. Nele, as indústrias têxteis progrediram rapidamente. Algumas delas chegaram a dobrar ou triplicar o número de operários.

Os fluxos de migração para Brusque contribuíram para diferentes composições culturais presentes desde então. Seyferth (1981) ensina que desde a fundação das indústrias têxteis na cidade criou-se um estereótipo acerca do trabalhador alemão para diferenciá-lo de trabalhadores de outras etnias, que também se estabeleceram em Brusque como operários de fábricas. Tal estereótipo, ainda segundo a autora, refere-se ao colono-operário alemão que era aquele que em um turno se dedicava ao trabalho fabril e, em outros momentos, por exemplo, dedicava-se a atividades como cuidar de sua própria roça e do jardim da sua casa, buscando sempre melhorar seu nível de vida. O brasileiro, nesse caso, era aquele que após o turno da fábrica vai se divertir, beber no

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

botequim, e não procurava trabalhar mais e nem realizar outras atividades com o intuito de melhorar a sua vida.

Diante disso, o brasileiro descendente de português ou açoriano, era construído nesse imaginário como o contraponto ao trabalhador europeu. O estereótipo se cristaliza num preconceito que se enraíza e cria um “nós”, descendente de europeus e povo empreendedor e trabalhador e, um “outro”, que não se esforçava ou trabalhava o suficiente – o brasileiro, como era chamado o não descendente. Esse estereótipo se aplica aos imigrantes que chegam à cidade, em particular aqueles que não têm origem europeia, como é o caso dos imigrantes que vêm da Região Nordeste do Brasil.

Deste modo, Seyferth (1981), em sua obra “Nacionalismo e identidade étnica” aponta que as implicações étnicas citadas acima são mais ou menos claras, pois essa “dedicação” ao trabalho é um efeito do *Deutschtum*, ou seja, a capacidade do trabalho dos que têm origem alemã. De outro modo, esse ponto de vista remete à ideia de que os brasileiros são incapazes de enfrentar um ritmo de trabalho igual.

Os fluxos de migração para Brusque contribuíram para diferentes composições culturais presentes desde então. Seyferth (1981) afirma que, desde a fundação das indústrias têxteis na cidade, criou-se uma estereotípia acerca do trabalhador alemão para diferenciá-lo de trabalhadores de outras etnias, que também se estabeleceram em Brusque como operários de fábricas.

A partir das décadas de 1970 e 1980, o setor têxtil começou a se expandir no Vale do Itajaí, principalmente em Brusque e Blumenau. Tal aumento resultou na ampliação de polos comerciais, no aumento da exportação e na instalação de novas fábricas (Jungerfeld, 2012). Nesse sentido, movidas pela economia próspera e pela oportunidade de emprego, muitas pessoas deixaram sua terra natal e migraram em direção a Brusque com a ideia de melhores perspectivas de vida.

No entanto, o crescimento urbano e demográfico de Brusque é intenso desde a ascensão comercial e industrial ocorrida na década de 1980. A autora Maffezzolli (2015), em seus estudos sobre a formação sociocultural brusquense, aponta que o primeiro fluxo migratório intenso ocorreu na década 1980, com migrantes vindos do estado do Paraná.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

Desde então, o município recebeu diferentes fluxos migratórios vindos também do oeste de Santa Catarina, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e, em menor quantidade, de outros estados brasileiros. A partir da primeira década do século XXI se iniciou um fluxo migratório vindo do Nordeste brasileiro, especialmente do estado da Bahia.

Na verdade, a mera observação da realidade cotidiana já permite perceber a grande diversidade cultural no município. Contudo, a presença do perfil trabalhador que possui identificação com a origem europeia (alemães e italianos) ainda continua presente na imagem que se tem do município.

Embora muito visível na mídia e nos discursos cotidianos da cidade, a migração da região Nordeste, segundo os dados do IBGE, não aponta um número representativo comparado aos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. No entanto, a migração de nordestinos se faz acompanhar de discursos preconceituosos que não se observam quando se fala de migração de outros estados da região Sul.

Um episódio marcante aconteceu no ano de 2013, quando um grupo de moradores distribuiu cartas pela cidade com o título “Aviso para os baianos”. O documento trazia ameaças aos migrantes nordestinos e também conteúdos de cunho violento e criminal. Entre outras situações, a carta responsabilizava os baianos por problemas na cidade, como o som alto durante a madrugada.

Na carta⁵, que não é assinada, os autores ameaçam matar os migrantes baianos que, segundo eles, perturbam o sossego da população local. O documento, que também circulou pelas redes sociais, gerou polêmica em veículos de comunicação de municípios baianos e de mídias de maior visibilidade no estado de Santa Catarina.

No entanto, a realidade das migrações recentes no Município de Brusque leva a problematizar que a questão em relação aos migrantes nordestinos não é necessariamente o número desta população, mas sim, seu modo de vida, sua cultura, sua classe social e sua cor de pele. As diferenças em termos raciais/étnicos, de classe e de práticas culturais entram em choque com as construções imaginárias dos brusquenses

⁵ Conteúdo da carta "Aviso aos baianos" na íntegra em anexos.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

sobre o “cidadão ideal”, ou melhor, sobre o migrante que é desejado para viver na cidade.

Estranhamentos socioculturais entre brusquenses e baianos

O migrante ao chegar em uma nova terra leva consigo uma nova cultura e novos hábitos, do ponto de vista fala, etnia e costumes. Este contato é ensinado por Castro (2005, p. 26) que “[...] o migrante é um estranho que joga o nativo a se confrontar com seu estranhamento”. No entanto, o estranhamento é analisado por Vieira (1997) que sua difusão traz consigo um não reconhecimento da realidade que a própria espécie humana criou. A transformação da condição do indivíduo é um dos traços mais característicos do estranhamento. Dessa forma, é por esse caminho que os homens não se reconhecem naquilo que são e naquilo que fazem.

Quando chegam a Brusque, os migrantes se deparam com as diferenças e outros modos de vida na comunidade local. Embora sejam todos brasileiros, os nordestinos e dentre eles os baianos, grupo mais representativo entre os migrantes nordestinos, sofrem vários preconceitos e discriminação. Diante disto, a migração no Município de Brusque, no início deste século, revela que a vinda de nordestinos acarretou diversos discursos preconceituosos por parte da comunidade local.

A partir de uma pesquisa etnográfica, que envolve entrevistas e histórias de vida de migrantes, buscou-se analisar os discursos relacionados ao preconceito e discriminação com o referido fluxo migratório e os desafios para o acolhimento numa cidade que constrói sua identidade em torno dos imigrantes alemães que chegaram à cidade no século XIX. Sendo assim, as narrativas a seguir são de homens e mulheres migrantes provenientes da Bahia e, também, moradores nativos da cidade. Vale lembrar que todos os participantes estudaram no Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA)⁶.

⁶ O Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA) de Brusque é uma instituição submetida à Secretaria de Estado da Educação que oportuniza vagas para jovens e adultos com idade mínima de 15 anos para ingresso no Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio. Fundado em 1997, tem como missão:

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

Um homem migrante⁷ de Salvador, que reside em Brusque há 13 anos, comenta que Brusque possibilitou uma melhora na sua vida, porém, a questão do preconceito e estigmas dirigidos a nordestinos ainda é presente:

Brusque é um lugar ótimo para se viver. O único problema é o preconceito, o racismo com o ‘baiano’, o próprio nordestino. O mundo é para todos! Se tem gente ruim na Bahia, tem gente ruim em Santa Catarina, no Paraná, no Rio Grande do Sul. O pessoal tem um jeito de olhar diferente para o baiano, ainda mais quando é negro.

O relato do migrante citado demonstra que o fato de ser negro já deixa evidente um olhar diferente ao migrante do Nordeste. A questão dos estigmas dirigidos aos imigrantes nordestinos é perceptível pelo relato do migrante. Contudo, Marinelli (2007) entende que o estigma é apontado com uma marca diferenciadora, visível ou não, e que não se apaga facilmente. Assim, o autor ainda ensina que a marca estigmatizante constitui-se numa representação social que leva a um sentimento de rejeição, decorrente de visões preconceituosas e estereotipadas em relação ao sujeito.

Nota-se que a discriminação racial vem antes mesmo de qualquer estigma. O nordestino, neste caso negro, ainda é visto como um obstáculo nas interações sociais. Desse modo, a partir do relato do migrante acima, observa-se que são utilizados estereótipos de inferioridade com o migrante nordestino. Ainda nessa abordagem, Marinelli (2007) menciona que se criam rótulos, geralmente degradantes, para indivíduos e grupos, sem que se tenham informações a respeito deles.

Diante disso são perceptíveis várias formas de discriminação com o baiano: no trabalho, nas ruas, redes sociais, entre outros. Uma outra migrante, que é natural da Bahia, comentou que atualmente sua relação é muito afetiva com as pessoas no trabalho

proporcionar às pessoas que no seu devido tempo não tiveram oportunidade de frequentar a escola, a possibilidade de buscar a sua formação no Ensino Fundamental e Médio, seja por necessidade em função do mercado de trabalho ou por anseio pessoal.

⁷ Cabe ressaltar que os nomes reais das pessoas entrevistadas não serão divulgados como um procedimento ético de pesquisa, bem como a intenção de resguardar a identidade dos respondentes.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

e nas ruas. Entretanto, enfatiza um triste episódio que aconteceu há 15 anos, quando chegou em Brusque:

Foi bem difícil o processo de fixação aqui na cidade. No primeiro emprego eu era auxiliar de limpeza em uma padaria. As colegas do trabalho faziam comentários que era uma ‘tartaruga’. Os olhares já soavam estranho, até por que sou negra. Até esgoto fizeram eu limpar no trabalho.

É notório, na descrição da mulher migrante, o preconceito que sofreu ao chegar em Brusque. É nítido, também, a discriminação pela forma desigual ao tratamento perante os demais trabalhadores. É válido ressaltar, segundo Novaes (2006), que gênero e raça são fatores que interferem no problema, pois as moças pobres podem até se favorecer do crescimento do emprego doméstico, mas ganham menos que os rapazes quando estão ocupando os mesmos postos de trabalho. A autora ainda enfatiza a ‘boa’ aparência exigida para os empregos, razão pela qual se excluem os jovens e as jovens considerados pobres e, ainda, quando essa exigência exclui, particularmente, as moças e rapazes negros.

A mera observação da presença migrante na cidade de Brusque também foi debatida entre moradores que são nascidos em Brusque. Um morador nascido e criado na cidade, que atualmente tem 74 anos, comenta que percebe o preconceito com o nordestino em vários segmentos do dia a dia:

Ouçõ muitos comentários preconceituosos. Até donos de empresas argumentam que não gostam de contratar ‘baianos’, neste caso, os próprios nordestinos. Comentam que são devagar no trabalho e faltam às vezes. Hoje, esse preconceito com o migrante ‘baiano’ é visível nas lanchonetes, no supermercado, entre outros lugares de circulação de pessoas.

Por meio do relato do morador acima, percebe-se a questão do preconceito é presente no cotidiano do Município de Brusque. No entanto, o migrante com diferente cultura, costume e, principalmente, com a etnia negra, é alvo de discursos

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

preconceituosos. Diante disto, outra moradora brusquense de 39 anos, compartilhou um episódio preconceituoso que aconteceu na escola com sua filha que, neste caso, não é migrante:

O que vem em primeira instância é que se a pessoa é negra já sofre uma rejeição por parte de algumas pessoas. Minha filha é brusquense, porém, é negra. Ela tem 15 anos e já sofreu bullying na escola. Hoje, por ser adolescente, ela já nem comenta muito. Mas, quando criança sofria comentários na escola. Então, migrante ou não, ser negro já tem uma triste desvantagem.

O racismo apontado no episódio acima é visto diariamente na sociedade. Seyferth (1995), por meio de seus estudos, ensina que no Brasil termos categóricos como negro, preto, crioulo, mulato, baiano e outros referidos à cor da pele têm, em diversas situações sociais, caráter depreciativo e discriminatório. Ainda segundo a autora, existem hierarquias de classificação social com base na ideia de raça, utilizados como desqualificadores de indivíduos e grupos. São critérios estes, por exemplo, que vão da cor da pele até o tipo de cabelo do sujeito.

O termo ‘baiano’ apontado pela autora acima como uma categoria de inferioridade é um estigma que acompanha os migrantes nordestinos, independentemente de em qual estado do Nordeste tenha nascido. A moradora brusquense comenta que o termo ‘baiano’ é comum em vários discursos:

Existem comentários que o ‘baiano’ é preguiçoso e malandro. Comentam, também, que o ‘baiano’ veio tirar o emprego do brusquense. Mas, se o brusquense não trabalha no pesado, quem vai trabalhar? Neste caso, a mão de obra ‘baiana’ supre essa demanda.

Seyferth (1995) comenta que o termo ‘baiano’ que é atribuído aos migrantes nordestinos se refere a uma categoria particularizada que remete diretamente à questão racial. O ‘baiano’ é construído sistematicamente como uma categoria racial e

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

inferior, sinônimo de negro, africano, estrangeiro. Nesse caso, a cor da pele é o principal critério de classificação.

Até os dias atuais, a cultura de grupos migrantes é encarada como algo ‘estranho’. E ainda, quando o sujeito é negro, fica mais evidente tal estranhamento. Neste sentido, um outro morador nascido e criado em Brusque expressa sua análise sobre a diferença cultural entre ‘baianos’ e brusquenses:

O ‘baiano’ é calmo e educado e muito fácil de fazer amizade. A gente percebe que o ‘baiano’ se diverte bastante. Já o brusquense tem uma interferência da cultura alemã que já desconsidera o negro. O brusquense quer trabalhar, trabalhar e trabalhar...

Segundo Seyferth (1981) em sua obra, “Nacionalismo e Identidade Étnica”, o Município de Brusque se constituiu com critérios apropriados da cultura alemã. Sendo assim, soma-se um componente étnico e que ainda hoje existem distinções. Contudo, Maffezolli (2015), nos estudos sobre a formação cultural da sociedade brusquense, ensina que o grupo étnico formado por germânicos se manteve homogêneo por muito tempo, mesmo se relacionando com diferentes etnias. Desse modo, os fluxos migratórios internos recentes contribuem para o entendimento de uma Brusque contemporânea e suas distintas identidades culturais.

Conclusões

A literatura que acompanha a migração de baianos nas últimas décadas revela que o estado nordestino possui um número elevado de emigrantes que, em decorrência de fatores ambientais, econômicos e políticos, migram para outras regiões do Brasil em busca de novas oportunidades de vida. Portanto, tem-se uma compreensão sobre o processo de territorialização do migrante baiano e a sua reprodução do espaço, do ponto de vista econômico, social e cultural. Assim, os estilos de vida, costumes e hábitos, moldados na cultura catarinense, estão passando por um grande processo cultural de

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

adaptação, mudança e transformação, com a chegada de migrantes baianos em seu território.

Sobretudo, vale ressaltar que a migração em Brusque é uma demanda da economia do próprio município. O sistema econômico lá existente precisa de um fluxo contínuo de mão de obra migrante para se manter e se expandir. Se a migração ocorre em Brusque é, também, porque o sistema econômico dela necessita. Ela é necessária à transformação da economia e da própria sociedade, pois a convivência com a diversidade abre caminhos para a uma melhor compreensão que a terra de oportunidades é para todos.

Sendo assim, o espaço se torna um bom lugar para analisar como se dá o processo de encontro e diálogo intercultural entre os estabelecidos na cidade e os outsiders, para recorrer a um termo de Norbert Elias, que nos parece interessante para pensar a relação que se constrói entre brusquenses e os baianos recém-chegados.

O Município de Brusque constrói sua identidade a partir das narrativas da imigração europeia, mesmo tendo recebido outros grupos de imigrantes ao longo do século XX. Essas narrativas encobrem outras experiências que também constituem e que fizeram crescer a cidade, ou seja, desde a década de 1960 outros grupos imigrantes chegaram a cidade, mas são invisibilizados na história de um município que enfatiza ainda hoje as raízes alemãs. Com a chegada dos baianos, essa migração que ficava invisibilizada, ou subsumida nos discursos do migrante trabalhador descendente de europeu, se defronta com migrantes não brancos, com outra bagagem, outros modos de vida que colocam em questão essa autoimagem de cidade europeia e sua branquitude. Desse modo, os brusquenses se deparam com modos de vida e com culturas distintas em seu território.

Os ‘novos’ migrantes deste século, nesse caso os baianos, trazem consigo uma identidade que, através de relações com moradores locais, são sujeitos a estigmas e estranhamentos pejorativos ao seu modo de vida. Os discursos dos migrantes baianos, durante o trabalho, permitiram compreender que existem motivações e impactos diversos na decisão de migrar, tanto para aqueles que partiram, quanto para os que

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

ficaram e, também, tanto na cidade de origem quanto na cidade de destino. Além da própria perspectiva da migração e, até mesmo do projeto migratório que, em muitos casos, pode gerar uma insegurança, soma-se o fator da discriminação. Os hábitos, costumes e, até mesmo a cor do sujeito, levam a um estranhamento a ponto de criar um estigma pejorativo: o “baiano”. Termo que atualmente rotula o indivíduo como um ser inferior perante os outros grupos.

O desafio que o presente trabalho coloca é a necessidade de diálogo intercultural que possibilite aos estabelecidos, descendentes de imigrantes que chegaram no século XIX, ou na segunda metade do século XX, que estejam dispostos ao diálogo intercultural com os migrantes vindos de outras regiões do país, principalmente do Norte e Nordeste do Brasil. Posto isso, a ponto de desconstruir estereótipos e preconceitos a fim de contribuir para que Brusque se torne uma cidade mais multiétnica e menos preconceituosa em relação ao “outro”, principalmente quando esse for “não branco”.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Migrantes no passado e no presente**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (org.). 1. ed. São Paulo: Global. São Paulo: Berlindis & Vertecchia, 2013. p. 90-124.

BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, DF, XX, n. 39, p. 1-24, dez. 2012.

BATISTA, José Ronieri Moraes; LEITE, Eldo Lima; TORRES, Ana Raquel Rosas. et.al. Negros e nordestinos: similaridade nos estereótipos raciais e regionais. **Psicologia Política**, [s. l.], v. 14, n. 30, 2014.

BORGES, Selma Santos. **O nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade**. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Católica de São Paulo - Puc/SP, São Paulo, 2007.

BOSCO, Sérgio; JORDÃO NETO, André. **Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**. Belo Horizonte: UFMG; Cedeplar, 2009.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

CARDOSO, Fernando Henrique. Considerações sobre o desenvolvimento de São Paulo: cultura e participação. **Cadernos CEBRAP**, n. 14, 1975.

CASSANIGA, Tafarel. **Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI**. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CASTRO, Mary Garcia. Estranhamentos e identidades: direitos humanos, cidadania e o sujeito migrantes - representações em textos diversos. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22 n.1, p. 5-28, jan./jun. 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

IBGE CIDADES. **Brusque**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

JURGENFELD, Vanessa Follmann **Transformações dos grandes grupos têxteis de Blumenau e Brusque após 1970: a financeirização e os novos espaços de acumulação**. 2012. 216 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MAFFEZZOLI, Graziela. **Um encontro sociocultural em contexto migratório: os sentidos da diversidade cultural em escola pública de Brusque, Santa Catarina (SC)**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2015.

MAFFEZZOLLI, Graziela. Imigrações e diversidade: elementos da formação sociocultural na Colônia Itajaí. In: NIEBUHR, Marlus (org.). **Brusque 150 anos: tecendo uma história de coragem**. Brusque: Prefeitura de Brusque, 2012. p. 78-85.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BÓGUS, Lúcia Maria Machado; BAENINGER, Rosana. Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes. **REMHU: Revista interdisciplinar da mobilidade humana**, [s. l.], v. 26, p. 75-94, 2018.

MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 03-17, 2007.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Gláucia de Oliveira Assis

MARINUCCI, Roberto. Direito à cidade de migrantes e refugiados. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [s. l.], v. 26, p. 07-10, 2018.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 105-121.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

OSÓRIO, Carlos; MOREIRA, Ivan Targino; GUIMARÃES NETO, Leonardo; JATOBÁ, Sebastião Jorge. Migrações Internas e Desigualdades Regionais no Desenvolvimento Brasileiro. In: MOURA, Hélio (org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB – ETENE, 1980. Tomo 2. p. 251-270.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1987.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. In: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO/93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1995.

SOUZA, Thiago Romeu de. **Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na paraíba e são paulo**. 2015. 265 f. Tese (Doutorado em Geografia) –Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

TRUZZI, Oswaldo; BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. Processo migratórias e "assimilação": São Paulo e Santa Catarina (1920 e 1940). In: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio Salvadori. Processos migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO/Unicamp, 2013. p. 47-63.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: ABDR, 1997.

“Aviso para os baianos”: estigma e preconceito aos novos imigrantes em Brusque
Tafarel Cassaniga, Glaucia de Oliveira Assis

Contribuições de autoria

Tafarel Cassaniga: *conceituação*; curadoria de dados; análise formal; aquisição de financiamento; investigação; recursos; software; validação; visualização; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.

Glaucia de Oliveira Assis: *aquisição de financiamento; metodologia; administração do projeto; supervisão; validação; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.*

Recebido em: 23/03/2023

Aprovado em: 28/08/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br